

«O homem é como um círculo vivo: tudo se encadeia no seu organismo.»
X.

ANO V — N.º 130
AGOSTO
25
1957

AVENÇA

A VOZ DE LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ



AS NOSSAS ENTREVISTAS

LOULÉ E OS SEUS PROBLEMAS

«A criação duma Escola Técnica, o abastecimento de água e a electrificação das freguesias rurais são, entre outros, problemas que a edilidade louletana acarinha com o maior interesse, para o que já contraiu um empréstimo de 3.000 contos»

diz à «A VOZ DE LOULÉ», o Vice-Presidente do Município
Sr. José João Ascensão Pablos

(Uma entrevista de LUÍS SEBASTIÃO PERES)

Como quase todas as terras algarvias, Loulé tem problemas de transcendente importância para o progressivo desenvolvimento do seu Concelho, e eles, na base de poderem melhorar consideravelmente o nível de vida dos seus habitantes, sobretudo, os que vivem da indústria e da agricultura; porque o concelho louletano é imensamente rico e bastante produtor de cereais panificáveis, alfarroba, figo, amêndoa e cortiça.

A indústria da palma e manufatura de calçado, pois só nesta se empregam 600 operários nas suas 60 oficinas, assim como o cobre e outras indústrias caseiras, (o artesanato), formam um conjunto industrial onde, cerca de 6.000 almas ganham o pão de cada dia.

O seu valor agrícola, industrial e comercial, muito pesa na balança económica do País.

Um dos concelhos mais vastos do Algarve, TERRA NATAL DE UM DOS MAIORES DO NOSSO TEMPO, continua a acalentar a esperança de que um dia o caminho de ferro atravessa a progressiva Vila.

Na ronda que fizemos pelo nosso ALGARVE DAS TRINTA LEGUAS — aproveitando assim as nossas merecidas férias — dispuzémos-nos a visitar tão linda terra algarvia «vila acolhedora de belas e bem delimitadas ruas e de amplas avenidas, onde se respira um clima sadio e vitalizador, mestiço de mar e serra,



José João Ascensão Pablos

as figueiras e as alfarrobeiras e ondulam as searas.

LOULÉ, a honrada e notável, como atestam veneráveis peregrinos, é sempre motivo de prazer para quem a visite, pois o asseio das suas ruas e prédios, alguns de boa traça, e as comodidades que oferece, predispõem o visitante a demorado estágio.

Porque sempre tivemos por esta terra do meu Algarve, uma bem vinculada simpatia e onde mantemos velhas amizades, desde que surjam problemas que interessem ao seu progresso e que eles possam contribuir para um melhor nível de vida das suas gentes; logo formamos nas linhas de bom combate dispostos a terçar armas pelas suas aspirações e anseios.

Nunca recusámos a Loulé e à sua laboriosa e acolhedora gente, o modesto e desvalioso concurso da nossa ingrata missão de escrevinhador de jornais, quando em causa estão os seus legítimos interesses.

Porque conhecemos alguns — senão todos — dos seus mais pre-

mentes problemas, — sem que fossemos solicitados — aqui estamos mais uma vez, a proclamarmos o direito que assiste a Loulé em ver concretizadas as suas pretensões.

Eis os motivos que deram origem: ao reproduzirmos nas colunas de A Voz de Loulé, a entrevista que o bom louletano e grande amigo da sua terra, sr. José de Ascensão Pablos, ilustre Vice-presidente da Câmara de Loulé, no exercício da presidência, nos concedeu quando em missão especial visitámos, há dias, o Algarve. — Exposta a finalidade que nos levava ali, imediatamente se pôs à nossa disposição — pois tratava-se de Loulé, terra que ele muito quer e preza — recebendo-nos no gabinete da presidência, no edifício municipal.

Ligado à vida interna do Município desde 7 de Abril de 1956, data em que tomou posse do cargo de seu vice-presidente, passou, a partir de 6 de Dezembro do mesmo ano, por força das disposições legais, a colocar-se, embora que transitariamente, no primeiro plano da actividade municipal, por não existir, actualmente, Presidente nomeado.

E, pois, nessa qualidade por vagatura do presidente titular,

(Continuação na 3.ª página)

Maneiras de ver...

A «Volta a Portugal»

«Volta a Portugal», é uma cidade flutuante, de 250 habitantes, causando a euforia de mais de catorze milhões.

Melhor: é uma auto-cidade que se desloca, a si própria, sobre pneus e de que Júlio Verne nunca se lembrou de escrever um livro.

Na sua cidade há corredores grandes que são «boulevards», como «La Pax», «Grand Vias», «Quinta Avenida»; outros são mais modestos, não passam de «Rua da Palma», de «Santa António», de «Santa Catarina»; outros ainda, mais pequenos, são autênticas travessas e becos... sem saída para a «Praça da Glória».

Os seus bairros definem-se pela cor e pelo bairroismo. Há bairros que nasceram no coração doutros bairros, mas não se conhecem, ou antes fingem não se conhecer... na rivalidade.

Assim, a Cidade da «Volta a Portugal», é uma cidade maior que Portugal, a despeito de ser uma das mais pequenas cidades portuguesas, em população.

No aspecto arquitectónico, a cidade da «Volta» tem vários estilos de palácios rodantes, de quatro, seis e oito cilindros. O «palácio» do Júri, é do estilo «Morrís»... se não andas, misturado com «Opel» e osso... O do Administrador, tem uma categoria à parte. Não quiz «Fiat»... Preferiu um «Packard», a massa toda. Já o do Comissário é mais «Prefeito». O da Rádio, para ser um «Lancia» falta-lhe o Moreira, a misturar-se com o Artur Agostinho. O dos brasileiros, é de duplo estilo, misturando o «Kru...» com o «Nask», outra vez, e ver cá então... O do Benfca, esse tinha uma categoria à parte, mas está em fim de raça... É um «Rola...» e vai andando... O seu filho «Águilas de Alparça», é um a... «Pa-

PRAIA DE QUARTEIRA

Começaram na Esplanada os concursos terpsicóricos afim de escolher entre a mocidade os melhores dançarinos de tango, corridinho, baião, slow etc..

— Partiu para o sul de Espanha uma comissão de louletanos que foi observar in loco os pequenos hotéis que nas Praias da zona Cadiz-Málaga servirão de modelo aos futuros hotéis das Praias algarvias...

— Discute-se aqui qual a influência da futura estrada à beira-mar para Faro, no desenvolvimento turístico da nossa Praia, em relação com a de Faro. Há quem afirme que os comerciantes louletanos receiam a concorrência dos farenenses. Outros, põem a hipótese de com essa futura Avenida trazer para a Esplanada-dancing de Quarteira os farenenses da sua Praia.

— Cresce dia a dia o entusiasmo pelos Jogos Florais para escolha da letra da Canção da Praia de Quarteira a realizar no dia 31 do corrente. Foram recebidos vários pedidos de esclarecimento de Lisboa, o que dá ideia da fama que a nossa Praia vai tendo entre os seus frequentadores.

Um dos dois

Banhos de mar Banhos de sol

Ao, deparar-se-nos este artigo no nosso estimado colega «Jornal do Algarve», de Vila Real de St.º António, chamou-nos imediatamente a atenção pela flagrante actualidade do assunto que versa e pelas criteriosas observações e conselhos que encerra.

Permitimo-nos, por isso, a liberdade, com a devida vénia, transcrevê-lo na íntegra, na convicção de que os nossos prezados leitores lhe encontrarão bastante interesse... e utilidade, já que os Banhos de Mar e os Banhos de Sol estão — e com razão — na ordem do dia.



Estamos em plena época balnear e é de toda a conveniência fazer algumas prevenções aos incautos.

Os banhos de mar são de ex-

JUSTIÇA

Poucas vezes, na nossa já longa vida, sentimos tão satisfeito, como hoje, ao lermos a notícia de que vai ser uma realidade a Escola Técnica de Loulé, deixando-nos perfeitamente atônito, tal foi o nosso regosio, não sendo fácil descrever por incapacidade de expressão, sentimos a amargura das palavras, por não sabermos como começar e como terminar a descrição da alegria de ver criada a Escola Técnica, aspiração que não vem de ontem, vem muito de traz desde a nossa mocidade académica, e estende-se até hoje.

(Continuação na 3.ª página)

traordinário efeito terapêutico sobre o organismo, pois constitui a imersão num líquido que tem em dissolução quase todas as substâncias. Não se deve limpar ao sair do banho, mas sim deixá-lo evaporar, a fim de a pele ficar com uma delgada camada de sal, cuja acção é um complemento admirável dos banhos. Não se devem tomar banhos de mar estando cansado, logo ao levantar da cama, depois de refeições abundantes, etc..

Se se está transpirando devido ao calor ambiente, não há perigo, se, pelo contrário, a transpiração provém de exercícios físicos violentos, então o banho é contra-indicado.

A imersão deve fazer-se rapidamente, incluindo a cabeça; não se deve ir tateando o frio da água, pois esta sensação é muito prejudicial para o sistema nervoso. A duração do banho é muito variável porém, apenas se sintam sensações de frio ou os dentes a bater com a característica pele de galinha, deve sair-se imediatamente da água, caminhar e fazer uns exercícios moderados, enquanto passa o frio e a água seca. O banho de sol moderado, de-

(Continuação na 4.ª página)

TEMAS SOCIAIS

OS MOTORISTAS

Referimo-nos aos motoristas de automóveis de praça, prestimosa classe outrora respeitada e acarinhada e hoje em franco declínio na consideração pública.

Não deve deixar de contribuir para essa cotação actual um conjunto de circunstâncias que nos propomos analisar pela rama, pois talvez não estejamos no âmago da questão para podermos discreetar sobre o assunto de ciência certa e conhecimento absoluto.

Em tempos que já lá vão, não muito recuados, é certo, recrutavam-se os motoristas em classes mais ou menos letradas, pelo menos com o exame do 2.º grau de instrução primária, oriundos de famílias de alguns haveres, o que lhes permitia a aquisição do automóvel com que iriam agenciar o indispensável para a manutenção da família, esta regularmente constituída, a todos os títulos respeitável e benquista.

Eram cortezes, delicados, atenciosos, exprimiam-se de maneira correcta em qual-

quer parte que se encontrassem, num respeito absoluto pelo seu semelhante e pelo lugar em que estivessem e conviviam regularmente em sociedade. Nesse tempo não era ainda obrigatório o boné, e então, sem esse estigma de rebaixamento, eram pessoas aceitáveis e admitidas em qualquer lugar ou reunião. Com o boné degradante que hoje são obrigados a usar, sem justificação de qualquer espécie, pois o boné obrigatório compreender-se-ia numa farda aprovada, de que tal peça fizesse parte integrante e devidamente ajustada, mas sem essa farda e com qualquer facto, até em mangas de camisa, como já temos visto, é simplesmente caricato e ridículo.

Porque se há-de rebaixar o motorista à triste condição de ter que usar esse destitutivo de classe, se os automóveis já tem a indicação de que são de aluguer, desnecessária, também, a nosso ver? Não tem todos os au-

(Continuação na 2.ª página)

ACTIVIDADE COLUMBÓFILA EM LOULÉ



O entusiástico impulso que os dirigentes da Sociedade Columbófila de Loulé têm dado à divulgação das suas interessantes actividades, têm-lhe grangeado, tanto na nossa vila como noutras terras vizinhas e até em longínquos países onde residem louletanos, inúmeros sócios e bastantes simpatizantes que ajudam imenso a valorizar as suas inicia-

tivas, quer participando nas «largadas» que habitualmente realizam, quer contribuindo com prémios ou «lembranças» para as mesmas.

Hoje, por exemplo, apresentamos aos nossos leitores, na foto que ilustra estas linhas, uma série de taças ultimamente oferecidas à Sociedade Columbófila de

(Continuação na 2.ª página)

«Loulé... em retrato»

Nesta indesejável posição horizontal, a que o bisturi do operador me sujeitou, não queria perder o contacto com os meus reduzidos leitores e dar-lhes o semanal retrato.

Mas... ai de mim! Que retrato poderei eu oferecer, em tal estado de espírito e de saúde!

No entanto tudo se pode retratar. O quarto onde estou, o panorama de solidariedade humana que nos rodeia, a devoção dos nossos assistentes, o ambiente de sofrimento que nos transmite, por comparação com outras desgraças maiores, um instinto de resignação e paciência, e, por último, um estado de alma, tão propício à elevação do espírito para se aproximar da ideia da protecção superior de Deus!

Na alma, no coração, nos lábios de todos os pacientes há uma figura gigantesca que, ao aproximar-se das portas dos quartos ou das enfermarias, traz consigo, na bondade e serenidade de um rosto calmo e confiante, metade da cura, das melhoras, ou um lenitivo analgésico, que é um grande amparo moral.

E o Dr.... Manuel? Que a sua injustificada modestia me perdoe esta panegírica mas humana invocação.

Sente-se, à sua aproximação, uma acalmia e satisfação de espírito e de estado nervótico impressionante.

Sabe-se que estamos na presença de um grande operador, mas pressente-se que estamos igualmente junto de um chefe, de um organizador, de uma alma de eleição, com todos os predicados de calma e fé na sua missão, domínio e sentido das realidades e até das oportunidades, bondade do coração e firmeza de espírito.

Tão diferente ele é, do que mo tinham... pintado!

E houve cães que pretenderam envenenar-me com ele!

Ele não tem culpa de cá fora se não fazer uma páli-da ideia da sua bondade inata da sua humildade, do seu espírito de justiça e grandeza de alma.

E sabem porque não tem?

Porque está rodeado de muitos arautos que não têm categoria nem força, nem capacidade espiritual, moral ou intelectual para fazerem a sua apologia e exaltação. E assim, dá-se o que é vulgar verificar-se num espectáculo de categoria, anunciando por fantoches e falas ba-

rato... Ninguém acredita, sem ver!

Mostram-no, em geral, como ele não é. Dão-lhe a forma de vaidoso, quando ele é humilde, de querer ser dono do Hospital quando ele é, verdadeiramente, o maior escravo neste Hospital e deste Hospital.

E que espécie de escravidão.

Dominante, obcecante, persistente a ponto de quase ser legítimo perguntar-se-lhe: «O sr. Dr. tem família?»

Sentem-se de noite, de dia, altas horas da madrugada os seus passos subitís, cautelosos pelos corredores desta casa. Vai a Lisboa ou está junto com os seus e, mesmo de lá, surge logo, um telefonema, de momento a momento: «Não há novidade por aí?»

Na órbita da sua organização, a que, para ser primorosa, se sente apenas a limitação do factor económico para poder ter o pessoal que deveria ter, vive uma série de funcionários modestos, que substituem com um carinho e boa vontade de agradar e servir, as deficiências a que um quadro completo deveria obviar. Sacrificam-se, multiplicam as suas forças e possibilidades para cada um, profer ao serviço ou trabalho de dois ou três.

E o exemplo do chefe, o desejo de o ajudarem, o espírito de abnegação e sacrifício que o chefe exemplifica.

Mas, por hoje, ficamos por aqui, por que esse pessoal, porque esses humildes merecem também, um retrato especial e distinto.

Reporter X

Vinho de Lagoa

Da Adega Cooperativa
Ginginha e Eduardino
das Portas de St.º Antão

As melhores bebidas do País

Vende por atacado e a retalho

M. Brito da Mana

Telefone 18 LOULÉ

João Caetano de Sousa Leal, Limitada LOULÉ

TRESPASSA-SE a SECÇÃO DE RETALHO DESTA FIRMA

Por falecimento de um dos sócios e por outro não poder estar à frente das Secções de Retalho e Atacado.

Casa com mais de 50 anos de existência e bem localizada. Dão-se facilidades de pagamento.

Tratar com Viúva de João Caetano de Sousa Leal ou António de Sousa Leal.

MOTORISTAS

(Continuação da 1.ª página)

tomáveis o seu número de matrícula? Que mais é preciso para se identificarem?

Bastaria o seu lugar na praça de automóveis para se saber que como tal ali estavam. Em serviço, porque há-de ser necessária a marca de inferioridade e desprestígio para o seu condutor? Que falta faz o boné infamante a quem trabalha para agenciá-la a sua vida?

Enfim, altos problemas que não atingimos e mesmo não sabemos que vantagem haja em serem assim resolvidos.

Com essa marca degradante no trabalhador, nem todas as pessoas se dedicam a essa outorria digna e respeitada profissão.

Quem a procura hoje, salvas as raras e honrosas excepções que sempre há? Pessoas de mediana educação, de poucos conhecimentos e ilustração, que desempenham como podem a sua missão, mas não tem a correcção de maneiras, de hábitos e de atitudes que seria para desejar.

Observe-se como falam e vestem em público, como se sentam às mesas dos cafés, como discutem e se insultam continuamente empregando os termos mais soezes e desbocados, sem respeito por quem passa, numa desvergonha a pedir repressão severa e imediata.

Será lícito que se deixem esses trabalhadores que poderiam ser respeitáveis e dignos, entregues a essa desprezível situação, sem uma repressão adequada, para que se possam utilizar os seus serviços com todas as garantias de correcção e respeito?

Por este andar chegaremos à triste situação de ser preferível chamar um arreeiro ou um pocarigo a tratar da condução das nossas pessoas do que recorrer ao motorista outrora respeitável, correcto e digno, como convém que sempre seja.

Solimão Fagundes

Trespasa-se

Estabelecimento comercial, de mercearias e vinhos, com toda a existência e mobiliário. Informa esta Redacção.

Precisam-se

Angariadores para venda de rádios e outros artigos Boa comissão.

Dirigir-se a José Guerreiro Martins Ramos—Rua de Portugal, 31 — Loulé.

VENDE-SE

Propriedade com moradia, situada próximo do apeadeiro de Vale Formoso (Loulé).

Informa na R. Dr. Justino Cúmano, n.º 28 — Faro.

CASA

Vende-se uma casa com chave na mão, com jardim à frente 6 divisões, luz, quarto de banho e horta com água tirada a motor e ainda 4 compartimentos separados para arrecadação. Junto à estrada de S. Brás, próximo da Rotunda da Avenida.

Tratar com Agostinho Bernardo — Loulé.

SE DESEJA

comprar máquinas industriais e agrícolas, visite o Stand de JOSÉ DE SOUSA PEDRO

Rua 5 de Outubro, 29

LOULÉ

FARAUTO, LIMITADA

Faz-se público que por escritura lavrada em vinte e nove de Julho de mil novecentos e cinquenta e sete, das notas do notário abaixo assinado, José Emilio dos Santos Pardal, casado, comerciante, cedeu a José Mateus Horta, também casado e comerciante e a Salomé Soares Gago Horta, casada, doméstica, todos moradores em Faro, a sua quota de quinhentos mil escudos, que tinha na sociedade comercial por quotas «FARAUTO, LIMITADA», com sede em Faro, na proporção de quatrocentos mil escudos para aquele e cem mil escudos para esta.

E pela mesma escritura os únicos sócios daquela sociedade, José Mateus Horta e Salomé Soares Gago Horta resolveram alterar os artigos quarto e quinto do respectivo pacto social e que passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO QUARTO

O capital social é de um milhão de escudos já integralmente realizado em dinheiro e outros valores e é representado por duas cotas: uma de novecentos mil escudos, pertencente ao sócio José Mateus Horta e outra de cem mil escudos, pertencente à sócia Salomé Soares Gago Horta.

ARTIGO QUINTO

A administração e gerência da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fóra dele, activa e passivamente, é confiada ao sócio José Mateus Horta, que desde já fica nomeado gerente, com dispensa de caução e sem retribuição, bastando a sua assinatura para a sociedade ficar obrigada.

ESTÁ CONFORME

Faro e Secretaria Notarial, trinta de Julho de mil novecentos e cinquenta e sete.

O Notário,

Luiz Augusto da S. e Sabbo

Propriedade VENDE-SE

Por motivo de partilhas, recebem-se propostas para a venda da propriedade denominada HORTA DOS CANOS, que se compõe de terra de sequeiro e regadio com água de rjó e casa de habitação e de caseiro, confrontando com o Largo das Portas do Céu e a Ponte de Faro.

Dirigir a Viúva de Manuel Moreira — LOULÉ.

J U S T I Ç A

(Continuação da 1.ª página)

Cá estamos, portanto, mais uma vez nas colunas do jornal local que, orientado no caminho da Justiça, defensor do progresso da terra louletana é ao mesmo tempo orientador da opinião pública de Loulé, é sempre recebido e lido com interesse pelos seus numerosos leitores.

Orgulhamo-nos de sermos louletanos e não é no estreito espaço dum artigo que se pode dar uma ideia que em nós se passou ao ler a notícia que vai ser uma realidade a Escola Técnica, uma das mais ardentes e legítimas aspirações deste povo que rejubila pela sua criação.

Loulé que sempre tem procurado conquistar o lugar a que há muito tinha direito pelo seu grande desenvolvimento sendo já hoje um dos centros agrícolas, comerciais, industriais e artísticos dos mais importantes, dos mais destacados do sul do País, disfrutando até uma situação geográfica privilegiada relativamente a outras terras que se consideram importantes, tinha direito à Justiça que lhe acaba de ser feita.

Todos sabem que a Arte em Loulé tem evoluído a par e passo com o conceito artístico que se envolve entre o meio e o artista louletano, de rara concepção, de assimilação fácil, com a perfeita noção do belo; mais se teria evidenciado se já tivesse a funcionar a sua Escola Técnica com uma assistência encaminhada por mestres consagrados, mais se avultaria também no panorama industrial e artístico do Algarve.

Com a nossa insistência a manter o fogo sagrado estamos de bem com a nossa consciência e orgulhamo-nos de ter tomado lugar de com-

«—»«—»«—»«—»«—»

Actividade COLUMBOFILA

(Continuação da 1.ª página)

Loulé, a fim de premiar os vencedores de algumas largadas, e que ficaram assim designadas, como gratidão aos seus ofertantes:

Taça de um Grupo de Amigos de Loulé, que se encontram na Venezuela. Taça de um Grupo de Amigos de Loulé que se encontram na Austrália. Taça de um Grupo de Amigos de Loulé que se encontram na América do Norte. Taça de um Grupo de Amigos de Loulé que se encontram no Canadá. Taça «Diário Popular». Taça Companhia de Seguros «Mundial». Taça Companhia de Seguros «Fidelidade». Taça do Jornal «A Voz de Loulé». Taça Câmara Municipal de Loulé. Taça Cristóvão da Silva Correia. Taça Operários da oficina de caldeireiro de José de Brito Barracha de Loulé.

E ainda dois pombos em louça, oferecidos por um sócio da Sociedade Columbófila de Loulé.

bate pela causa de Loulé, cujos filhos sentem e vivem, como nenhum outro povo a Arte com a sua virtuosidade.

Ocorre-nos dizer que, muito embora o povo, na sua linguagem vulgar e singela, tenha algumas vezes conceitos de flagrante oportunidade e de muito valor: — «Dê-se tempo ao tempo» — diz ele como que para mostrar que em tudo se gasta tempo e que se deve esperar a oportunidade, justificando-se assim tal conceito.

Mais e melhor que quaisquer palavras nossas, fala a actividade dos louletanos, as suas faculdades de trabalho, o seu sentir, e ainda por reconhecerem que um povo, que não tem energia, que não sente, que não tem vontade própria, é um povo moribundo, mas o povo louletano é exemplo de energia, de sentimentos, de trabalho, é um povo que sente todos os elementos com que a Natureza e a Arte o fadou para grandes cometimentos, luta sempre e sempre atento às necessidades da terra, nunca desanima nas suas pretensões justas.

Alguém disse que «verdade era amor, porque amor é verdade». Pelo amor dessa verdade e com os nossos olhos postos no progresso de tão bela terra e com o grande júbilo que nos vai na alma, dirigimo-nos aos homens que constituem a Câmara Municipal que, com a sua conhecida boa vontade, não descuraram este magno problema da criação da Escola Técnica, agradecendo-lhes como louletano, o cuidado que puseram na causa de Loulé, cuja terra se desenvolve e que revela a sua acção em todos os sectores de actividade. Não podemos deixar de fazer salientar a dedicação dos homens a quem está confiada a administração da Câmara Municipal, e a todos aqueles que contribuíram para esta grande realização: a Escola Técnica.

A todos o nosso reconhecimento.

Augusto C. Bolotinha

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apoz obras de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2. — Armazem muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

PRÉDIO

Vende-se um prédio situado na Senhora Santana, desta localidade. Tratar com o Banco do Algarve — Faro.

Não faça os seus segun- ros sem consultar

Castro Correia J.or
LOULÉ

As melhores condições, nas melhores companhias

Transportes de Carga Louletana, L. da



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

AGÊNCIA EM LISBOA:

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Não compre

Mobílias ou adornos

para o seu lar

sem que tenha apreciado a grande exposição da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

(antiga firma PINTO & PEREIRA)

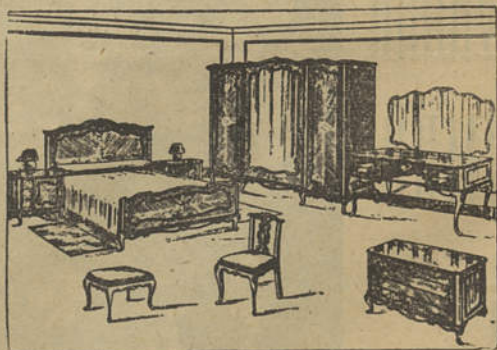
Avenida José da Costa Mealha — LOULÉ

MOBÍLIAS — ESTOFOS — TAPEÇARIAS

Agente do famoso produto **SYNTECO** (que resolve o problema do encerramento periódico)

Preços fora da concorrência

As mobílias são entregues em casa do cliente em furgoneta própria da casa



Loulé e os seus problemas

(Continuação da 1.ª página)

que o nosso entrevistado fala para os seus conterrâneos.

Ouvimo-lo, pois:

— «A situação de um vice-presidente transitória, não é de molde a coadunar-se com a realização da obra, já pelo pouco tempo em que me encontro nessa situação, já pela instabilidade da mesma. Assim, tenho-me limitado a dar seguimento à orientação que a Câmara já vinha seguindo, muito embora, em certos casos, a minha acção se tenha orientado no sentido de dar realização a pequenos melhoramentos públicos que, nem por serem de pequeno vulto, deixam de atestar uma passagem pela Governação Municipal.

Prosseguindo, diz o nosso entrevistado: Desconhecendo quem será o futuro Presidente a nomear pelo Governo, existe, actualmente, uma orientação que estou certo, não há-de sofrer grandes modificações dada a circunstância de existirem em equação e mesmo em vias de solução vários problemas que, pelo interesse de que se revestem, não poderão ser abandonados em substituição de outros de menor importância. Assim me permite afirmar que a orientação a seguir, num futuro muito próximo, pouco há-de divergir da que se tem vindo seguindo.

É de suma importância para as freguesias rurais, o abastecimento de águas e a electrificação.

Um dos problemas que, neste momento, mais preocupa o Concelho é o da electrificação das freguesias rurais, na altura em que chegaram os cabos condutores de energia hídrica ao Algarve.

A Câmara de Loulé, após a publicação da Lei n.º 2.075, de 20 de Maio de 1955, que veio a ser regulamentada pelo Dec.º-Lei 40.212, de 30 de Junho do mesmo ano, providências há muito esperadas no sentido de permitirem a execução do plano de electrificação rural pelo Governo precenizado — pretendendo integrar-se em tão importante Plano de Fomento Industrial, entregou o Ministério da Economia o projecto da 1.ª fase de Electrificação do Concelho, incluindo a rede de baixa-tensão de Boliqueime e postos de transformação necessários e bem assim a linha de alta-tensão Loulé — Salir — Alte, que irão abastecer estas importantes freguesias do Concelho e que, esperando-se de um momento para outro, a comparticipação do Estado para dar execução a estas obras que muito irão contribuir, estou certo — afirma — para o desenvolvimento económico do Concelho.

Em 1956 — continua o sr. Ascensão Pablos — outro projecto foi entregue, no referido Ministério, para realização da 2.ª fase da Electrificação do Concelho, este, referente à electrificação da Tór (na freguesia de Querença), Goncinha e Arieiro (na freguesia de S. Clemente) e Almançil e Vale d'Águas (na freguesia de Almançil).

Escusado será salientar-se o esforço que o Município vai fazer para lhe ser possível integrar-se neste importante plano de electrificação pelo qual se esperam benefícios de incalculável valor para o desenvolvimento de indústrias e agricultura e, consequen-

temente, da economia do Concelho de Loulé.

Para realização destas obras já a Câmara contraiu um empréstimo de 3.000 contos, no C. G. D., cujos juros e amortização de capital muito irão pesar no erário do Município; entretanto, pela importância que estes empreendimentos se revestem, a Câmara não alberga desmorescimentos para levar a efeito estas obras.

O problema do abastecimento de águas às populações é outro que está na ordem dos que se consideram de mais instante resolução. Assim, além do abastecimento domiciliário à sede do Concelho, existente há muitos anos, inaugurou-se, no ano findo, o abastecimento domiciliário à sede da freguesia e Praia de Quarteira, onde se investiu, em números redondos, verba aproximada a 1.000 contos; ainda, no que respeita a águas, estão em elaboração projectos relativos ao abastecimento das freguesias de Salir e Boliqueime; obras necessárias vultuosas com relação aos rendimentos municipais.

A melhoria do abastecimento de água potável a todos os povoados do nosso concelho, por mais diminuta que seja a sua população constitui sempre uma preocupação para o Município que, dentro das medidas do possível, pretende dar satisfação às reclamações que lhe são apresentadas, nesse sentido.

Impõe-se a criação da Escola de Ensino Técnico, em Loulé, já prevista no Decreto-Lei n.º 36.409, de 11 de Julho de 1947, para que as crianças que frequentarem o ensino primário possam adquirir mais vastos conhecimentos para o dia de amanhã.

O problema de instrução e de assistência escolar no Concelho, porque, de ano para ano, a frequência escolar se acentua cada vez mais, traz-nos seriamente preocupados, com o destino que virão a ter as muitas centenas de crianças que terminam a instrução primária que, pela falta de um estabelecimento de ensino técnico, ver-se-ão obrigadas a ficar por ali — com um grau de ensino que não lhes permite virem a ser bons e aplicados operários úteis ao País; razão por que se impõe a criação da Escola de Ensino Técnico, prevista no Decreto-Lei n.º 36.409, de 11 de Julho de 1947, velha e justa aspiração dos louletanos que, assim procuram ver melhorado o nível cultural dos seus operários e comerciantes.

No ano findo — para que a Loulé seja concedido tão importante melhoramento fez-se mais uma diligência junto de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional: esperando que o Governo, na altura própria, nos há-de dotar com este benefício que é um dos que mais caros são ao bom povo louletano.

O valor económico de Loulé, são factores sérios para se considerar.

— Entrando depois no campo económico de Loulé, cujo valor, atendendo à riqueza agrícola dos seus campos e da sua vida industrial e comercial, o nosso entrevistado, diz: constituem factores sérios para se considerar; pois as suas 60 oficinas de calçado, onde se empregam cerca de 600 operários e as indústrias de palma e esparto que, no seu

maior volume, caseira, dá trabalho a mais de 3.000 pessoas na confecção das conhecidas esteiras, alcofas, ceirões, capachos, chapéus, cestas e balsas que, além de invadirem os mercados e feiras no País, estão a ser exportados para a América, Inglaterra e outros mercados estrangeiros, a juntar aos conhecidos oleiros e a outras pequenas indústrias; formam um conjunto muito apreciável que muito peza hoje na economia da Nação.

O TURISMO no Concelho de Loulé, não é uma palavra vã, pois a sua Praia de Quarteira, tem recebido, ultimamente, alguns melhoramentos que, dentro da sua categoria, está destinada a marcar como um dos melhores lugares entre as suas congéneres do País.

Tem Loulé uma Praia—Quarteira—que é sede da Junta de Freguesia de Quarteira e também sede da Junta de Turismo do mesmo nome. Embora se trate de uma estância balnear do tipo popular, é a mais concorrida do Algarve, pois ali se vão instalar, durante a época própria famílias de todo o concelho e de alguns outros da província, como sejam Faro, S. Braz de Alportel e Olhão, além de aí acorrerem, também, muitas famílias alentejanas, principalmente dos concelhos de Almódovar, Castro Verde e Aljustrel.

Esta praia, que a Câmara do tou com o abastecimento domiciliário de água, será, num futuro próximo, beneficiada de rede de esgotos, cujo projecto está a ser estudado na repartição competente na Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, é, francamente, uma instância de banhos progressiva, e que está destinada a marcar, dentro da sua categoria, um dos melhores lugares entre as suas congéneres do País.

A terminar — diz ainda o sr. Ascensão Pablos — ter Loulé, além da Praia, aprazíveis lugares dignos de ser visitados, que são verdadeiros recantos turísticos, que, a juntar ao seu grandioso cartaz carnavalesco, muito valoriza esta linda terra algarvia.

Estava terminada a Entrevista que tínhamos solicitado do primeiro cidadão louletano, dedicado vice-presidente do Município louletano, no exercício da presidência, sr. José João Ascensão Pablos, cujo depoimento muito gostosamente damos à publicidade no jornal da sua terra, agradecendo as atenções dispensadas à nossa modesta pessoa, facilitando assim a missão de que fomos incumbidos, formulando os mais vivos desejos de prosperidades para a sua Loulé e que leve a bom termo a obra em que está empenhado.

— Nós bem sabemos quanto os louletanos amam a sua terra, quanto capricho e baillismo põem no seu engrandecimento, razões que nos levam a crer que as suas aspirações sejam um dia uma realidade.

São também esses os nossos desejos.

L. S. P.

N. R. — Já depois de concedida a presente entrevista foi oficialmente garantido ao ilustre entrevistado a criação da escola técnica aludida na entrevista, como no número anterior já demos conhecimento. Rejubilamos com o facto e desde já o felicitamos pelo êxito das diligências que efectuou.

Pela Imprensa

«FOLHA DO DOMINGO»

Entrou recentemente no seu 33.º ano de publicação este nosso estimado colega, que vê a luz da publicação na vizinha cidade de Faro.

Órgão da Diocese do Algarve, tem mantido, através da sua existência, uma linha de verdadeiro apostolado ao serviço da nossa província.

Ao seu dedicado Director, o nosso estimado amigo Rev. sr. P. Carlos do Nascimento Patrício e ao seu corpo redactorial, felicitamos por mais esta etapa vencida em prol do cristianismo e desejamos à «Folha do Domingo» uma próspera vida.

«DIÁRIO DO ALENTEJO»

Com um volumoso número extraordinário a cores, festejou recentemente o seu 25.º ano de existência este nosso prezado colega, que se publica na cidade de Beja e muito honra a imprensa alentejana.

Ao seu ilustre Director sr. M. Engana e a quantos têm contribuído para que este diário se tenha mantido através de uma existência relativamente longa, endereçamos os nossos parabéns, com votos de longa vida para o «Diário do Alentejo».

«A NOSSA TERRA»

Também recentemente festejou o seu 5.º ano de existência este nosso estimado colega que se publica na linda vila de Cascais e cujos interesses defende com persistente entusiasmo.

Ao seu corpo redactorial, que com tanto brilho valoriza um jornal que é dos melhores da província, endereçamos os nossos parabéns por tão festiva data.

Ecos do AMEIXIAL

Realizam-se no próximo dia 1 de Setembro os tradicionais festejos nesta localidade, em honra de Santo António, São Sebastião, São Luiz e Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com a presença de Sua Ex.ª Rev.ª Senhor Bispo do Algarve e do Ex.º Senhor Presidente da Câmara Municipal de Loulé.

Já estão terminados os trabalhos de restauração da nossa igreja, graças ao esforço e boa vontade do nosso Prior Joaquim Fernandes Moreira.

Prosseguem com grande actividade os trabalhos da construção da ponte no rio Vascão, no lugar da Chavachá no caminho que dá acesso ao monte dos Vermelhos e a toda aquela região que tanto vai beneficiar de tão importante melhoramento. A referida ponte que é construída por conta da Divisão Hidráulica do Guadiana, deverá estar pronta dentro de 2 meses aproximadamente.

—Encontra-se na sua casa nesta localidade, acompanhado de sua esposa, D. Maria de Brito Palma, e de sua filha menina Maria da Palma Vargas, distinta aluna de Faculdade de Letras, o nosso velho amigo e conterrâneo sr. José Mestre Vargas Junior digníssimo oficial da Marinha Mercante.

Augusto Tomás Teixeira

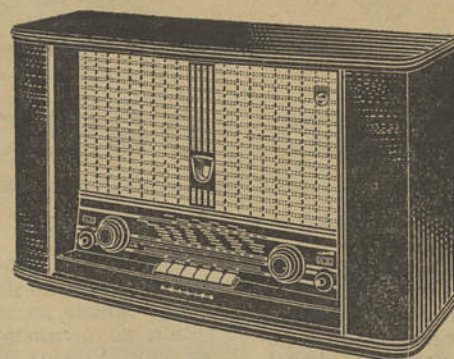
PIPAS

Compram-se em bom estado. Informa a redacção deste jornal.

PHILIPS

A GRANDE MARCA DE RENOME MUNDIAL

Modelo B X - 758 - A



Canais separados!
Amplificadores separados!
Altofalantes separados!

Onze válvulas
Receptor Biamply (isento de distorção)

Esc. 3.850\$00

Qualquer que seja a marca e estado, o seu velho rádio valerá 750\$00, em troca com este modelo

Consulte o Agente oficial da Philips

José Guerreiro Martins Ramos

Rua de Portugal, 31

LOULÉ

RÁDIOS PORTÁTEIS TRANSISTORIZADOS (baixo consumo)

AUTO-RÁDIOS / RÁDIOS para corrente / RÁDIOS desde 1.595\$00 / desde 1.095\$00 / para bateria

Rádigramofones, Gira-Discos, Aspiradores, Enceradoras, Máquinas para barbear

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO

A «Volta a Portugal»

(Continuação da 1.ª página)

uns do que os outros: São os de Ribeiro da Silva, Alves Barbosa, Sousa Santos — pintores em voga...

A Biblioteca da «Volta» não é muito grande. Tem meio cento de romances, género Camilo, todos com o mesmo prefácio e a mesma tendência para o epílogo arrebatado sobre a meta da última página de amor... à camisola.

Como imprensa, tem a Cidade da «Volta» uma imprensa das mais invulgares. «Comércio», «A Propaganda», «O Clubismo» e «Negócios são Negócios», são jornais de grande expansão no burgo.

A sua Emissora desloca-se como um microfone. Lembra uma Empresa de Caminho de Ferro, com estações em Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Faro, Elvas, Santarém e apadelos de curvas paragens... Artur Agostinho é o Director Geral. O seu aludido microfone lembra uma máquina de somar... Fala pelos cotovelos, batendo à distância qualquer algarvio. Este jornal, em jeito de «Times» ou «Paris Soir», imprime-se e distribue-se ao mesmo tempo. E dos jornais mais assinados em Portugal.

Não tem tipografias a cidade, mas os seus jornais longe de viverem por um fio estão ali para as curvas... Editam-se para todo o mundo culto em ciclismo. Falam como uma carta aberta ao Zé Pagode...

Como Caminho de Ferro, a «Volta» só tem uma estação. Chama-se Verão. Dali parte e chega todo o trânsito.

Também o burgo tem a sua orquestra. Tal como os frigoríficos, ela conduz a música congelada que fornece, por discos, em doses reconfortantes, no género da «Ovomaltine» para reconfortar a malta...

Todos os dias se faz ciclismo na cidade, sem atenção pelos horários de trabalho. É uma necessidade. Mas ninguém sai dos seus limites. A regularidade é o passaporte; o descontrole a... desnacionalização...

Por isso, zela a polícia montada — a F. I. B. da «Volta»... Se a cidade roda a 40 quilómetros, a polícia antecipa-se a 60, para estar sempre no seu posto das... Portas da Cidade.

Deste modo, as fugas são sempre acompanhadas pela polícia, e nunca se dá uma «fuga» sem... «Volta»... a despeito de não haver «pista»...

No seu estatuto interno, os «governantes da cidade» estabeleceram que: «Prémio da Montanha», é o clima de altitude, recomendado, por vezes, pelos doutores da «Volta»; «Controle», é o «Registo Civil», onde o nascimento de novos camisolas amarelas e as certidões de óbito dos desistentes são passadas; «Contra-Relógio», é a contradição, a injustiça, que faz partir os últimos em primeiros e os primeiros depois, numa irrisão sem nome pelos mais fracos; «Sprint», é uma espécie de concursos de beleza, para ver quem tem as melhores pernas; «Desistência», é o suicídio do ciclista; as equipas são as famílias, o ciclismo o certificado de origem, o pedal o meio de subsistência. No burgo há famílias humildes e famílias célebres — embora de parentesco flagrante na cor da camisola.

É a finalizar a graça que já vai com 45.300 de média, chama-se «Volta» à cidade, mas é um erro dos crassos. A cidade parte e não volta mais nesse ano, como as andorinhas dos beirais... A não ser em Lisboa e Porto, para onde a «Volta» tirou bilhete de ida e volta...

António Augusto Santos

El nunca o jóvem cavaleiro chegou a saber que aquilo que tanto procurava o trazia sobre o capacete e que fora o olhar metálico da aranha negra que fizera fugir a sete pés a gente que presegua no seu cavalo. E provável mesmo que ignorasse a origem do incêndio que lhe lavrava na cabeça antes da queda; o facto é que as patas da aranha perfuraram a fôgo o capacete metálico do infeliz, penetraram-lhe no cérebro e atearam aí as horribes labaredas que o ensandeceram e mataram.

Todas as esperanças ruíram no castelo ao verem que nem o confrade nem os cães regressavam; os sólidos portões fecharam-se e reforçaram-se mas nem assim os cavaleiros se achavam seguros. Procuravam apoio nos consolos espirituais mas a madeira da cruz santa há muito que não via a seus pés os joelhos dos altivos senhores e já ninguém daquela ordem religiosa se sentia com coragem para orientar ou celebrar o officio divino. Chamaram, por isso, um sacerdote mercenário, que começou a despejar água benta a torto e a direito e a proferir palavras numa entonação cavernosa contra o inimigo. Mas se as suas virtudes não eram nenhuma e pouco caso fazia de orações e jejuns, abancando à fidalga mesa como um par, sem deitar conta aos copos que emborcava, tinha no entanto o grande condão de distrair os cavaleiros. Contava as suas façanhas espirituais que os cavaleiros retribuam com os seus feitos mundanos, as suas caçadas ao urso e ao veado e nesta descuidada confraternização iam-se despejando garrafas sobre garrafas para pichelo de prata lavrada, como se a aranha já tivesse sido esborrachada à punhada pelo jóvem polaco. Contava um dia von Stoffeln entre goladas sucessivas de vinho e os gestos acclamativos dos companheiros uma façanhuda proesa praticada contra os pagãos, quando de súbito uma onda de assombro alagou todo o auditório: os rostos empalideceram, as bocas ficaram abertas num ah! unísono, as mãos suspenderam-se agarradas a um garfo, a um copo e os olhos arregalaram-se em direcção a um ponto. Só von Stoffeln continuava imperturbável a esvasiar a sua taça e a narrar a façanha, sem notar, sem sentir a presença do repulente arcnido sobre a sua cabeça. Ao ver-se pasto de ondas rolantes de fogo que lhe desciam do cérebro para todas as partes do corpo; soltou um grito horrendo e deitou imediatamente uma mão à cabeça, mas debalde; o nefando bicho já aí não estava. Saltava agora de rosto em rosto a toda a volta da mesa, a eito, sem poupar um único dos cavaleiros, rápida, inexorável, sem dar tempo a uma fuga ou a um ataque. Um grito estridido de dor, depois outro e todos iam sofrendo a mesma morte horrrosa pelo fogo. Restava o padre. O bicho agachara-se-lhe na careca a gosar com volúpia e epílogo da cena macabra que ora se ia consumando. Com a taça que nunca largou das mãos o padre ainda tentou apagar as labaredas que o lambiam da cabeça

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 24

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

aos pés e lhe repassavam a medula. Mas a aranha escarneceu desta arma e não abandonou o seu trono enquanto o último grito, e com ele o último sinal de vida, se não extinguiram naquela sala de morte.

Apenas alguns criados sem culpas de maior foram poupados ao morticínio feroz e foram eles que contaram como tudo aquilo terminou tão horrivelmente. Mas o aniquilamento daquela raça que se julgava distinguida de Deus e tão culpada fora de tanto mal, em nada aliviou o pesadelo, porque a aranha continuava a fazer das suas Vendo que o bicho continuava insaciável de mais vítimas, vários tentaram fugir do vale, mas eram justamente esses que caíam mais depressa. Nos caminhos viam-se os seus cadáveres ressequidos. Alguns fugiam para o cumo dos montes mas ao atingirem o alto, viam em frente deles a aranha e quando se julgavam safos já se lhes tinha pessegado no pescoço ou no rosto. Estava cada vez mais perversa e mais diabólico: Já não atacava inesperadamente nem dava a morte pelo fogo; agora exhibia-se onde calhava, não saía da vista dos homens, ora circundando por entre a relva ora pendurando-se das árvores e olhando venenosamente para eles. As criaturas fugiam aturridas, corriam sempre até mais não poder e ao pararem, esfaçadas, tornavam a ver à sua frente os olhos enleados do cruel animal. Se desatavam noutra correria e paravam outra vez para tomar fôlego, novamente o viam a olhá-los escarninhamente e só quando caíam de esgotamento é que a aranha se aproximava de seu vagar, rastejava a mole e mole pelo corpo acima e lhes dava no fim a morte. Multis tentaram desesperadamente oferecer-lhe resistência e outros até matá-la. Atravaram-lhe pedregulhos de dez quilos e zurziram-na com cacetes e machados quando a surpreendiam mais a gelito accorçada na erva. Mas todos estes esforços eram baldados, pois, as pedras por mais pesadas que fossem não a faziam abalar-se e os mais aguçados ma-

chados não lhe faziam a mínima moessa; saía sempre ileso de todos estes ataques e acabava sempre por rastejar tranquilamente pelo corpo da vítima. Assim se retiraram daquele vale as últimas esperanças para assentarem arraiais definitivamente o luto e o pavor.

Só naquela casa além no ângulo do vale, o aranhão nunca apareceu. Era a casa onde Cristina morava e a mesma onde tinha roubado a criança à sua cunhada. Também o marido de Cristina não fora poupado; o seu cadáver apareceu num lameiro solitário, o corpo contorcido pelas dores que sofrera, o rosto horrendamente sulcado em esgares de aflição; bem se via que a aranha tinha aplicado nele o máximo da sua fúria como se tivesse caprichado em marcá-lo com aquele aspecto miserável para o Dia do Juízo Final.

Mas até à última não tinha ainda visitado aquela casa; se era por condescendência ou medo, ninguém o sabia. O certo é que o terror não saía — nem dali nem dos outros sítios.

A atribulada mãe estava cheia de mil cuidados, não por si, mas pelo rapazito fiel que mandara ao campo na ocasião mais crítica da sua vida e pela irmãzinha; e dia e noite a sogra partilhava do seu zelo e vigílias para defesa dos netinhos. Rezavam ambas a Deus que lhes conservasse os olhos bem abertos para as vigílias e que as iluminasse e fortificasse para a salvação das inocentes criancinhas.

Nas suas noites passadas em claro parecia-lhes muitas vezes ver mexer em qualquer buraco as patas da aranha ou os seus olhos fosforescentes em qualquer canto escuro, como se estivesse a fitá-las numa janela para dentro. Dobravam então o corpo sobre as indefesas crianças, pois não sabiam outro modo para evitar a fatal mordedura senão isso e a confiança em Deus a quem rezavam ainda mais fervorosamente pedindo conselho e auxílio. E que tentam mais contra tão pestilento insecto que as pedras não esmagavam nem os machados afiadíssimos conseguiam molestar? Como defender-se, se já outras pessoas a tinham agarrado com a mão para a esborrachar e nada mais conseguiam senão a horrível corrente de fogo que diluía todas as forças e trazia a morte? Mas no espírito duma mãe há sempre uma ideia fixa sobre a felicidade do filho; foi assim que gradualmente se foi convencendo de que, se alguém sofresse bem o insecto entre as mãos, talvez o caso se resolvesse. E, se bem o pensou, melhor se decidiu. Bastas vezes tinha ouvido contar que certos mágicos tinham conseguido encurralar espíritos maus nos buracos dos rochedos ou nos troncos das árvores que depois batocavam muito bem e, enquanto ninguém tirava o batuque o espírito, conservava-se ali prisioneiro. Bem supunha ela que lhe seria quase impossível rebentar a aranha sem tentar a morte, mas estava disposta a agarrá-la e a usar de quanta força tivesse para a reduzir à impotência.

(CONTINUA)

Nos dias 31 de Agosto e 1 de Setembro realizam-se em Albufeira as tradicionais Festas da Vila.

PARTIDAS E CHEGADAS

— Encontra-se em Loulé, a prestar serviço interinamente como gerente da Agência desta vila do Banco N. Ultramarino, o sr José Fernandes Leal.

CASAMENTOS

BAPTISMO

FALECIMENTO

No passado dia

A família enlutada os nossos
sentidos pesames.

Passa no dia 2 de Setembro próximo, mais uma data aniversariante o nosso amigo e estimado colaborador, o apreciado jornalista algarvio, sr. Luís Sebastião Peres, distinto Redactor de «A Voz de Loulé», em Lisboa.

Visado pela Com. de Censura

A Direcção

Vende-se, modelo antigo mas em estado novo. Nesta redacção se informa.

Número especial
dedicado ao Algarve

Naquele «NÚMERO ESPECIAL», colabora também a nossa «Casa Regional», em Lisboa.

NOTA — Parece anedota, mas isto passou-se nos exames efectuados em Loulé.

da J.O.C. e J.O.C.F.

Todos estes jovens peregrinos são animados dum mesmo ideal: «afirmar à Igreja na pessoa de S. Santidade Pio XII que pode contar com eles para a recrestianização da Juventude Trabalhadora, para o qual estão dispostos a fazer todos os sacrifícios afim-de conquistar todos para Cristo».

Excursão
ao sul da Espanha

Algumas dezenas de pessoas da nossa melhor sociedade, participaram, no pretérito dia 17 do corrente, em excursão de auto-carro a fim de visitarem Sevilha, Málaga, Gibraltar e Tânger; entre os seus componentes tivemos oportunidade de ver os srs. José João Ascensão Pablos, José Guerreiro Cavaco e família, Dr. Jaime Guerreiro Rua e família, João Farrajota Alves, Dr. Januário S. Daniel dos Reis, Eng. Júlio Cristóvão Mealha, Joaquim Filipe Viegas e esposa, D. Catarina Pinto Farrajota e sua filha Maria Madalena; Eng. Victor Roberto Mendes Pinto e esposa; Dr. José Nunes Guerreiro, esposa e filho; José Romelras Morgado; D. Maria Valentina Rua Frade e filha; Tomaz Rodrigues Domingues e esposa e as meninas Maria Mata e Elsa Guerreiro.

Filarmonica União
Marçal Pacheco

No próximo dia 31 do corrente, pelas 22 horas, realiza esta Filarmónica o seu primeiro concerto da época no coreto da Avenida, durante o qual será executado um escolhido e moderno repertório, sob a hábil regência do nosso contranêro sr. Mariano Guerreiro Domingues, 1.º Sargento Músico que de Évora virá dentro de breves dias fixar residência em Loulé, afim de assumir as funções de regente efectivo daquella prestimosa Banda.

JOSE MARCELIANO
BAPTISTA

Sua família, no receio, por carência de endereços ou assinaturas ilegíveis, de não levar o seu agradecimento a todas as pessoas que se incorporaram no funeral ou que de qualquer modo manifestaram o seu pesar pelo passamento do seu finado, vem por este meio agradecer penhorada, a todas as pessoas não mencionadas, bem como a todas as que o visitaram durante a sua prolongada doença.

ARRENDADA SE esta propriedade. Enviar propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira—Rua Ataíde de Oliveira, 106—FARO. Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

BANHOS DE MAR
BANHOS DE SOL

(Continuação da 1.ª página)

pois do banho de mar, é um excelente complemento, tendo sempre em atenção que se não produza transpiração.

Se se sai da água tiritando, é necessário algum exercício violento, tomar uma bebida quente, correr ou jogar à bola, para provocar a reacção saudável; de contrário, pode produzir-se um princípio de resfriamento, bronquite, etc..

*Em geral, é aconselhável um
so banho diário. Se se pretende
emagrecer, podem tomar-se vá-
rios, com exercícios complemen-
tares, banhos de sol e regime ali-
mentar isento de gorduras e fari-
nhas.*

As praias de climas moderados, sem ventos fortes, são de efeito calmante sobre os nervos.

Evita-se, em parte, a inflamação produzida pelo sol sobre a pele aplicando, antes de tomar o banho de sol, uma fricção de óleo de coco iodado, que se prepara misturando, em cem centímetros cúbicos de óleo de coco, vinte gotas de tintura de iodo.

Os banhos de sol podem provocar acidentes gravíssimos.

Em casos de insolação, devem aplicar-se bolsas de gelo sobre a cabeça ou compressas de água fria; por-se-á o enfermo em posição horizontal, em lugar sombrio e manter-se-á imóvel, enquanto não chega o médico, que deve ser chamado com urgência.

A duração dos banhos de sol deve aumentar gradualmente.

O sol desenvolve no sangue que circula pela pele a vitamina D, de grande poder antirraquítico, e que se encontra no óleo de fígado de bacalhau. Por isso, os banhos de sol fortificam de forma assombrosa. Convém cobrir a cabeça, para evitar os congestionamentos, especialmente durante os primeiros dias.

Se os banhos de sol fazem transpirar, ajudam a eliminar as toxinas e a dissolver as gorduras. Se os banhos de sol não fazem transpirar, são mais tónicos e robustecem as pessoas débeis. Os médicos aconselham a tomar banhos de sol longe das horas das refeições. Devem evitar os banhos de sol as pessoas afectadas de tuberculose pulmonar, os doentes de coração com inchaço das pernas e as que padecem de nefrite.

Uma boa receita para se evitarem as queimaduras graves do sol é a constituída por uma mistura de bissulfato de quinina, lantolína anidra, óxido de zinco e água de rosas, respectivamente, nas proporções de 2 gramas, 20 gramas, 10 gramas e 20 centímetros cúbicos.

Filarmonica
Artistas de Minerva

Afim de abrilhantar as tradicionais «Festas em Lepe, em honor de sua Excelsa Patrona Nossa Senhora da Bella y de San Roque, Santo Patrón de esta Villa», deslucou-se a Espanha sob a regência do seu Maestro sr. Virgílio Joaquim de Sousa Viegas a «Harmonía Artistas de Minerva», que com a sua magnífica actuação nos concertos que lá realizou durante os dias 14, 15 e 16 de Agosto fez jus ao prestígio que disfruta.

Congratulamo-nos sinceramente com o êxito desta digressão da nossa popular Música Nova, a juntar aos muitos outros que por terras de Espanha tem obtido e lhe grangearam lá admiradores quase tão fervorosos como cá...

Com o que, dizemo-lo mais uma vez, bastante nos congratulamos.

Também no passado dia 17 a Filarmónica Artistas de Minerva deslocou a Pera, onde abrigou as Festas que lá se realizaram.

Nos dias 31 deslocar-se-á a Aloufeira, afim de participar nas tradicionais Festas da Vila.

Nodia 1, a Porches e nos dias 7 e 8 a Odemira, onde abrilhanará as respectivas festas.

Achados

No posto da Polícia de Segurança Pública desta vila, encontram-se os seguintes objectos que serão entregues a quem provar pertencer-lhes:

1 porta-moedas; 1 caneta de tinta permanente; - máquina de mão, própria para criança; 1 bomba de bicicleta; 1 anel em ouro; 1 casaco de senhora; 1 colar de pérolas de fantasia; 1 bolsa de prata; 1 pulseira em metal, para relógio e várias chaves.